



MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO E ASSISTÊNCIA SOCIAL, FAMÍLIA E
 COMBATE À FOME
 GOVERNO FEDERAL
 UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
 PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
 INSTITUTO MENINO MIGUEL
 OBSERVATÓRIO DA FAMÍLIA
 DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
 SECRETARIA DE DESENVOLVIMENTO SOCIAL, CRIANÇA, JUVENTUDE E
 PREVENÇÃO ÀS DROGAS
 PROGRAMA NACIONAL DE CAPACITAÇÃO DO SISTEMA ÚNICO DA
 ASSISTÊNCIA SOCIAL-CAPACITA SUAS
 ESCOLA DE FORMAÇÃO DOS TRABALHADORES DO SUAS - ESFOSUAS
 FUNDAÇÃO APOLÔNIO SALLES DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL –
 FADURPE
ESPECIALIZAÇÃO EM POLÍTICAS SOCIAIS

Wagner Henrique de Lima Peixoto

**A ARTE COMO FACILITADORA DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE GRUPOS
 SOCIAIS PERIFÉRICOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS**

Recife – PE

2023

WAGNER HENRIQUE DE LIMA PEIXOTO

A ARTE COMO FACILITADORA DA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DE GRUPOS
SOCIAIS PERIFÉRICOS VÍTIMAS DE VIOLÊNCIAS

Trabalho de conclusão de curso como requisito para
a obtenção do título de Especialista em Políticas
Sociais apresentado a Universidade Federal Rural de
Pernambuco. Orientadora: Dra. Gabriella Maria
Lima Bezerra

Recife – PE

2023

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação Universidade Federal
Rural de Pernambuco
Sistema Integrado de Bibliotecas
Gerada automaticamente, mediante os dados fornecidos
pelo(a) autor(a)

- P379a Peixoto, Wagner Henrique de Lima
A arte como facilitadora da construção de identidade de grupos sociais periféricos vítimas de violências / Wagner Henrique de Lima Peixoto. - 2023.
34 f. : il.
- Orientadora: Gabriella Maria
Lima Bezerra. Inclui
referências.
- Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) - Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Especialização em Políticas Sociais, Recife, 2023.
1. Arteterapia. 2. Identidade. 3. Vítimas de violações de direitos. I. Bezerra, Gabriella Maria Lima,
orient. II. Título

CDD 320.6

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Gabriella Maria Lima Bezerra (Orientadora)

UFRPE

Prof. Mestre Fabricio Leomar Lima Bezerra

UFTM

Profa. Dra. Márcia Paula Vieira

UFC

Não é sobre dinheiro, não é sobre prestígio,
não é sobre classe, é sobre ter uma identidade

-Lady Gaga

RESUMO

A presente pesquisa consiste numa proposta interventiva de arteterapia. O público alvo a ser trabalhado e beneficiado com o projeto deverá ser composto por usuários do CREAS da cidade de Lagoa do Ouro-PE, em especial, pessoas em situação de vulnerabilidade e que passaram por alguma vivência de violação de direitos. Essas pessoas na maioria das vezes apresentam fragilidade psíquica e acabam se posicionando ou aceitando em sociedade um papel de vítimas ou incapazes. Almeja-se que ao final da execução da proposta o público atendido se coloque como pessoas mais empoderadas e dotadas de autoconhecimento, de modo que, através da arte possam enxergar novas possibilidades de crescimento pessoal e social. O presente trabalho se inicia expondo a trajetória de vida do autor, mostrando que vivências e aprendizados o fizeram se direcionar, hoje, para este tema. Foi feito, em seguida, um levantamento de bases teóricas que explanam sobre os mecanismos da marginalização de determinadas camadas sociais, como a arte pode estar presente nesse público e nesta temática, e por fim explicações sobre trabalhos com grupo, no caso os Grupos Operativos de Pichon Rivière.

Palavras-chave: Arteterapia. Identidade. Vítimas de violações de direitos.

ABSTRACT

This research consists of an interventional proposal, through therapeutic groups, which should develop towards art therapy. The public to be worked with and benefited from the project should be composed of users of CREAS in the city of Lagoa do Ouro-PE, basically people in vulnerable situations who have gone through some experience of violation of rights, after all, this is the general profile of the users in question. These people, most of the time, have psychic fragility and end up positioning themselves or accepting in society a role of victims or incapable. The present work begins by exposing the author's life trajectory, showing what experiences and learnings made him direct himself, today, to this theme. Then, a survey of theoretical bases was carried out that explain the mechanisms of marginalization of certain social strata, how art can be present in this public and in this theme, and finally explanations about group work, in this case the Operative Groups of Pichon Riviere. It is hoped, then, that at the end of the execution of the proposal, the public served will be more empowered and endowed with self-knowledge, so that, through art, they can see new possibilities for personal and social growth.

Keywords: Art therapy. Identity. Victims of rights violations.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| INTRODUÇÃO..... | 09 |
| 1. Memorial,,..... | 11 |
| 2. Transformação do sujeito em pessoa ativa..... | 15 |
| 2.1 Arte e periferia..... | 17 |
| 2.2 Tipos de arte..... | 20 |
| 2.3 Arteterapia..... | 22 |
| 2.4 Grupo Operativo..... | 24 |
| 3. O porquê da arte para as pessoas vulneráveis..... | 27 |
| 4. OBJETIVOS..... | 20 |
| 5. METODOLOGIA..... | 29 |
| 6. CRONOGRAMA PREVISTO..... | 30 |
| 7. RESULTADOS ESPERADOS..... | 32 |
| 8. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS..... | 32 |
| 9. REFERÊNCIAS..... | 33 |

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem a arte como matéria prima para uma proposta interventiva em grupos sociais marginalizados e vítimas de violações de direitos que carecem de reestruturação identitária.

A proposta se desenvolve vislumbrando o empoderamento do público em questão, cujo, no levantamento bibliográfico inicial, percebe-se que possui, historicamente, uma construção de papel social inferiorizado. Uma vez que existem mecanismos que tendem a mantê-los em uma posição submissa aos interesses do mundo capitalista.

As políticas públicas que visam o bem estar para todas as camadas sociais, por vezes são ineficientes no que confere soluções efetivas de enfrentamento à desigualdade social e a marginalização, pois, ainda nos dias atuais “Economicamente, os pobres estão privados de ingressos e recursos, mas também de oportunidades.”(GUERRA, 2017, p.28). É compreendendo, então, este cenário que esta pesquisa busca dar vazão à autonomia dos grupos inferiorizados para que estes por conta própria possam intervir em suas vidas de modo a ascender pessoalmente e socialmente.

A arte entra na pesquisa como forma de resgate da identidade dos grupos estudados de modo a considerá-la como cerne da vitalidade, ou seja, a entidade que armazena os impulsos de vida genuínos. O conceito psicológico de pulsão é utilizado na investigação de possibilidades de se extrair da população vulnerável e lesada, resquícios de sobrevivência que possam culminar num desenvolvimento efetivo e genuíno.

A pesquisa é qualitativa e terá como proposta interventiva inicial a utilização da técnica dos chamados Grupos Operativos, nos quais se buscam reunir um grupo em torno de uma tarefa pré definida, mas que tem, na verdade a função de entrosamento e funcionalidade do grupo enquanto meio de crescimento e aprendizado mútuo entre os integrantes.

O detalhamento dos processos e etapas da intervenção será em grande parte conduzido pelos próprios participantes. Será, de certa forma, o público estudado uma espécie co-autor desta pesquisa, pois este público deverá ser responsável por dar indicativos dos caminhos a serem seguidos. Será o grupo estudado quem indicará, por espontânea escolha, quais materiais artísticos aumejam produzir e quais não querem utilizar. Visando sempre a intenção de

contemplar a identidade grupal que venha a ser, por meio da arte, reestruturada ou criada e exposta pelos seus criadores.

A forma como poderão, ou não, serem manifestadas as questões intrínsecas dos sujeitos tem como proposta ser por meio da produção, caso seja do desejo do grupo, de um ou mais de um dos atuais 11 tipos de arte existentes. Assim deve ficar esta etapa do processo a cargo do público estudado, de certa forma tirando-os da posição de objeto de estudo para uma posição igualitária, de co-autores deste trabalho.

1. Memorial

Original de Lagoa do Ouro PE, executo, há muito tempo atividades, às vezes remuneradas, envolvendo artes plásticas. Desde criança obtinha destaque na escola e na comunidade por habilidades com desenhos, logo, recebi desde cedo muitas solicitações para expor no papel desejos e ideias das pessoas do meu território.

A frase “faz um desenho pra mim” foi constante na minha vida. O traço era meu e a execução dos trabalhos artísticos solicitados era feita de acordo com minhas vontades, mas não deixava de ser guiada por solicitações e desejos alheios a mim. Confesso que num dado momento da minha vida, me saturei dessas encomendas, percebi que a produção de arte não deveria acontecer a partir de comandos ou limitações externas rígidas, cheguei num momento em que, em decorrência disso, me senti exausto e senti esvaída minha identidade.

Após me afastar, para longe da cidade onde me pediam determinados desenhos, demorou um pouco para que eu conseguisse, quase não conseguindo mais, trazer à tona algo que de fato eu era o autor.

A arte que havia em meus devaneios infantis, ressurgiu de forma frágil e levemente desnutrida, era algo que sempre esteve presente, porém por muito tempo se manteve escondida nas profundidades. Dei-me conta então de como era diferente minha vida quando criança, ou seja, quando eu tinha mais contato com minha arte mais genuína, e quão danoso foi o tempo em que estive distante dela.



1- Seria. Óleo sobre tela. Wagner Henrique. 20116

Assim ilustro a importância da arte na vida das pessoas e da sociedade. Vislumbra-se o sentido que a arte genuína pode trazer e abrilhantar a vida, tornando mais prazeroso o viver no que confere a busca do bem estar.

Aos 17 anos, entrei no curso de licenciatura em Matemática, simplesmente por achar que o nome “matemática” soava mais radical dentre as opções de cursos que seriam acessíveis pra mim, na UPE Garanhuns. Lá o curso de Matemática era o que tinha maior diferença no número de calouros e o quantitativo daqueles que concluíam o curso. Escolhi também, obviamente, por saber que o curso de Matemática tornaria mais fácil conseguir emprego.

Permaneci neste curso por três anos até que em 2011, consegui ingressar no curso Bacharel em Psicologia na mesma instituição. Foi minha primeira graduação concluída. O curso de Psicologia aconteceu num momento que para mim culminou na união da psicologia com a arte, embora na época eu não tivesse essa noção.

Em 2011 Lady Gaga lançou seu marcante álbum *Born This Way*. Com o disco, completamente autoral assim como todos os CDs da artista, Lady Gaga praticamente lançava uma campanha mundial de conscientização da auto aceitação, e debates sobre identidade.

A artista, de nome de registro Stefany Joanne Angelina Germanotta, em suas entrevistas e produções artísticas tornou pública sua luta pela superação de traumas gerados por situações de violências sofridas, bullying e abuso sexual. De modo geral, Stefany expunha a forma como a criação artística da personagem Lady Gaga tinha a função de reconstrução e cura das dores e reconstrução da identidade.

Os anos de 2011 e 2015 foram, respectivamente, o início e o término do meu curso de Psicologia. E foi durante esse mesmo período que houveram acontecimentos significativos na carreira e na vida de Gaga: o período de divulgação do lançamento do álbum *Born This Way* foi basicamente o ano de 2011. Um declínio na carreira da cantora aconteceu com a venda as vendas abaixo do esperado de seu álbum *ARTPOP*, de 2013, que sucedeu, então, momentos em que a artista esteve em episódios depressivos mais intensos. Episódios dolorosos explicados, muitas vezes artisticamente, nas canções lançadas em 2013, falando das pressões da indústria sobre ela enquanto artista lucrativa.

O fato é que Lady Gaga era uma representação perfeita para um estudo psicológico de uma artista, sendo assim meu trabalho de conclusão de curso teve o título *Precisamos falar sobre Lady Gaga: implicações acerca de seu discurso - do bullying à fama*. Em suma, se

tratou de um estudo para compreender a forma como Stefany buscou a fama, por meio de sua arte, para superar a situação de violência marcante em sua vida que foi o bullying.

Logo após colar grau em Psicologia parti para Caruaru cursar Bacharel em Design na UFPE. Foi este o momento em que estive mais saturado do ambiente da minha cidade natal, onde me pediam pra fazer trabalhos de pintura constantemente. Fui para longe, não necessariamente por querer cursar Design.

Alguns bons aprendizados do período em que cursei Design, obtive ao cursar algumas disciplinas eletivas no curso de Comunicação Social. Ao cursar a disciplina Estéticas da periferia pude conhecer pela primeira vez os funcionamentos das camadas marginalizadas da sociedade. Os temas em que haviam debates sociais me chamaram atenção, e a arte também sempre era colocada por mim em paralelo, mesmo sem perceber na época.

Cheguei, assim, a finalizar meu curso com a construção do trabalho de conclusão de curso intitulado *“Soy el fuego que... não é mais somente da fogueira que está queimando em homenagem à São João: Implicações da presença de Dj Alok no festejo junino de Caruaru”*.

Mais uma vez, estudei os fenômenos voltados à manifestações artísticas. Dessa vez, o foco do trabalho era contrapor as imposições pseudo elitizadas sobre a camada periférica nordestina. Como havia uma imposição de que o festejo típico caruaruense deveria carregar um estereótipo de rusticidade exótica de matuto retratado pelo forró tradicional e não poderia a população se direcionar para um estilo artístico musical diferente do previamente estabelecido socialmente.

Ao retornar para Lagoa do Ouro, início de 2020, após o tempo de reflexão e estudos distante, já tinha uma possibilidade analisar este ambiente com maior amplitude, foi quando me perguntei quais artistas haviam nesta localidade que representassem a identidade desta cidade, ou mesmo, quais manifestações artísticas havia que mostrassem a identidade lagoa do ourense. Não enxerguei respostas.

Em 2021, iniciei meu trabalho como psicólogo social. Estou, até o presente momento, como psicólogo do Centro de Referência Especializado de Assistência Social- CREAS. Tem sido uma experiência rica para a construção de sentidos. Pude ver, principalmente nas visitas domiciliares, as vulnerabilidades, as dores, os sofrimentos causados pelas mais variadas violações de direitos. Mas ao mesmo tempo acredito que essas pessoas têm uma força interna e uma verdade que eu não tinha visto até então.

Em decorrência de minha função de psicólogo social, surgiu a oportunidade de cursar especialização em Políticas Sociais. Foi onde eu, de certa forma, pude ver representadas nos textos e nos estudos aquelas pessoas que eu via pessoalmente, e via pessoalmente no meu cotidiano de trabalho. Assim surgiu em mim o desejo também de realizar um estudo em que eu pudesse de alguma forma reforçar a existência deste público e fazê-los visíveis.

2. Transformação do sujeito em pessoa ativa

Para contemplar o sujeito contemporâneo nas elaborações das políticas sociais, por vezes, pode-se ter como boa intenção emancipar e convocar os sujeitos para uma postura mais ativa nos processos sociais, e conseqüentemente dar-lhes visibilidade mais ativa nas políticas públicas, conferindo-lhes, então, participação na elaboração das mesmas.

Para que o sujeito seja enfatizado em um papel consideravelmente ativo é cabível então “colocar em questão a necessidade de produzir um deslocamento do centro de gravidade do debate atual dos direitos do sujeito para um sujeito de direitos.”(RIFIOTIS, p. 234), pois assim será possível ter uma base concreta e real para o impulsionamento da criação de políticas mais efetivas.

Entende-se, a partir do exposto, que o ponto de partida deve ser a visualização ou elaboração de quem é o sujeito, para que então possam ser elaborados os seus direitos. Muito se fala sobre os direitos dos cidadãos. É comum, nas comunidades, se dizer que as pessoas têm direitos, mas são raras as vezes em que se ouve, de populares, falas como “desejamos ter um direito...” ou então “planejamos e conseguimos um direito”? Percebe-se assim “A falta de uma cultura política que esteja baseada na ideia de uma cidadania ativa.”(OLIVEIRA, 2010, p.180), na qual o cidadão adquire a postura de conhecedor de si e de suas necessidades, de modo que isso acarrete atitude de co-criador de seus direitos.

Questionamentos acerca das necessidades das pessoas são possíveis a partir do momento em que se valoriza e enfatiza o sujeito enquanto pessoa, assim “a ênfase nos direitos do sujeito parece apontar para um tipo de sujeito social que vai se descortinando, e que nos mostra uma primeira face: os direitos do sujeito. Porém, cabe colocar a questão: qual é o sujeito de direitos?” (RIFIOTIS, p.238).

Levando em consideração a força de repressão histórica que é enfrentada pelas comunidades periféricas, que revela uma “herança colonial negativa, preservando-se em pontos substanciais a dominação de elites conservadoras e reacionárias”(DALLARI p.29), é cabível que os sujeitos vulneráveis tenham oportunidades de se reinventar e se impor. Com propostas e projetos que visem colocar as pessoas como co-autoras de suas políticas, “Aludimos, assim, à possibilidade de constituir, numa condição periférica, forças de invenção

de outros modos de existência que efetuem embates com os modos de vida dominantes” (LACAZ, LIMA e HECKERT, p. 59).

Mesmo sabendo que “A constituição de 1988 representou a tentativa de construção de um aparato estatal de bem-estar-social que atendesse às necessidades básicas da população” (OLIVEIRA, 2010, p.180), possuir esse aparato parece não ter surtido o efeito desejado em prol, por exemplo, da igualdade social.

“Sabemos que o sujeito apropria-se individualmente dos direitos coletivos, e os toma como ‘obrigação’ do Estado” (RIFIOTIS, p.239), mas considera-se, aqui, essa postura como pouco promissora para o desenvolvimento social e para a efetivação do bem estar almejado para as comunidades e pessoas marginalizadas. Vale lembrar que essa marginalização tem uma raiz histórica que perdura até os dias atuais. Tendo como início o momentos do fim da escravidão, quando “Os negros foram libertados, sem dinheiro e sem preparação profissional, foram abandonados à sua própria sorte e passaram a constituir um segmento marginal da sociedade.” (DALLARI, p.31).

Muitas vezes, na tentativa de escapar de sua posição inferiorizada, o sujeito marginalizado se propõe praticamente a despir-se de sua territorialidade e identidade em migração aos padrões mecânicos de existência e subsistência programados pelo mundo capitalista. É o que foi visto com intensidade nas décadas de 1960 e 1970, quando “As migrações de nordestinos para o sul do país, especialmente para o Rio de Janeiro e São Paulo, que já haviam aumentado, depois de 1930, ganharam extraordinária intensidade.” (DALLALI, p. 38).

Para além dos mecanismos em que ocorre uma espécie de aceitação da condição inferiorizada, as camadas marginalizadas da sociedade ainda sobre com o estigma da violência. Além da visão caricata da periferia como centro de violências e crimes, quando são olhadas pelas políticas públicas ainda existe um estigma de vitimização sobre a periferia, sendo ela exposta como vítima de violações de direitos. Pois:

Mesmo grande parte dos movimentos sociais ligados à discussão dos direitos humanos, nas lutas por melhorias nas condições de vida da população moradora das periferias, se limita à denúncia de violações de direitos, enfatizando as carências que permeiam tais territórios. (LACAZ, LIMA e HECKERT,p.61).

Sabe-se que “Las personas que viven en situación de pobreza sufren violaciones a sus derechos humanos[...], por lo que le respecto, la protección, la promoción y lá realización de

los derechos humanos son fundamentales para la erradicación de la pobreza.” (TERÀN, 2006 apud GUERRA e EMERIQUE, 2017, p.26-27). Mas, antes de tudo, deve ser dado às pessoas marginalizadas o direito de ser, não apenas o direito de sobreviver e existir.

2.1 Arte e Periferia

A expressão resistência tem como principais significados “Ação ou efeito de resistir, de não ceder nem sucumbir.” e “Recusa de submissão à vontade de outrem” (RESISTÊNCIA, 2020). É este sentimento que se busca, na presente pesquisa, explorar sobre o público em questão: a camada marginalizada que, na sociedade, tem sobre si mecanismos sociais que parecem ter a função de fazê-los sucumbir e ser submissos.

Diante das moldes e estigmas sob os quais são colocados os seres marginalizados almeja-se dar vazão à pulsão de vida que neles resiste, compreendendo-a como “todos os impulsos e comportamentos que motivam a nossa sobrevivência sem abrir mão do prazer e contribuindo para a sensação de bem-estar.” (ARBELÁEZ, 2023). Os sentimentos e ideias pulsionais, por sua vez, podem ser expostos por meio da arte, pois “A arte pode ser entendida como uma habilidade voltada para a comunicação. Todas as suas formas têm como objetivo expressar uma ideia e transmiti-la para outras pessoas, seja de maneira literal ou não.”(CONTENT, 2022).

Não é de hoje que se vê na arte periférica uma clara exposição da vitalidade, por vezes taxada como sexualização exacerbada. Por exemplo, em muitas produções audiovisuais advindas do estilo musical periférico funk, como a conhecida música *baile de favela*.

“A música composta por MC João em 2015 lista e exalta os principais bailes de rua da periferia de São Paulo na época” (ORTEGA, 2021), expõe sem pudores o erotismo e comprova a existência de uma vitalidade estrondosa, que geralmente é segregada ou suprimida, mas que mesmo assim resiste no meio periférico e marginalizado.

Pode-se dizer, também, que em alguns casos, produções artísticas desta natureza são explosões da resistência periférica, uma evidência de que apesar das pressões sociais de opressão, a vitalidade, por vezes vista apenas como sexualizada, não pode ser contida. Com o sucesso da música “baile de favela” é possível entender que algumas vezes ocorre essa

espécie de explosão ou extravasamento do que pode-se chamar de uma pulsão de vida periférica. Explosão essa, tamanha, que acaba por invadir todo o território nacional por meio da popularidade que a música adquire.

A arte seria claramente uma forma de dar vazão e expressar a vitalidade periférica. Nesse sentido, trabalhar e incentivar a arte seria uma boa maneira de contribuir para o empoderamento da periferia. Pois “Além das atividades fisiológicas básicas, nas quais se encontra o sexo, a pulsão de vida está presente nos sonhos, na criatividade, no erotismo e no amor.” (ARBELÁEZ, 2023) e a arte seria um ótimo veículo para fortalecê-la e expressá-la.

Sobretudo nos casos em que há uma degradação da existência “A arte é assim uma reserva ecológica das espécies invisíveis que povoam nosso corpo-bicho em sua generosa vida germinativa; manancial de coragem de enfrentamento do trágico” (ROLNIK apud MEDEIROS, p.2). Ou seja, o cerne da arte está naquilo que não é atingido pelas repressões sociais, logo uma forma efetiva de dar vazão e/ou reconstruir uma identidade seria tomando como base os traços genuínos de um ser, de um grupo ou de uma comunidade.

Oportunizar às camadas periféricas o empoderamento sendo guiado pela reelaboração da identidade destes sujeitos lesados, basicamente por serem marginalizados, é um ato que pode direcionar a sociedade a patamares de igualdade econômica e cultural. Se trata de uma luta contra as barreiras que fazem gerar convenções de que existe uma supremacia dos modelos burgueses de arte e cultura, logo, de identidades. Diante disto:

Precisamos estar afinados com os tensionamentos das relações raciais e sociais no Brasil. Para além disso, é preciso observar que em um cenário artístico protagonizado pela burguesia branca, e que tinha na representação da pessoa negra uma projeção do exótico; a auto representação artística da negritude era antes de mais nada, uma inovação da resistência política. (MEDEIROS, p. 3)

É preciso fortalecer, ou seja, disponibilizar oportunidades de emancipação ao sujeito periférico, para isso se almeja o surgimento de identidade e autonomia, pois “As pessoas confrontadas com a pobreza extrema têm uma ausência de perspectiva de vida e a incapacidade de exercer uma real responsabilidade em sua vida e de seus agregados.”(GUERRA e EMERIQUE, 2017,p.29). Pode-se dizer, assim, que a pobreza e a marginalização tolhe a vitalidade do ser.

A população de condição inferiorizada e vitimizada pode ter como oportunidade de crescimento o uso da arte. Se esta for disponibilizada como ferramenta de promoção de bem

estar ela poderá gerar transformações efetivas do ser lesado pelas condições impostas histórica e socialmente, como afirmam Lacaz, Lima e Heckert (2015, p.63)

A arte, no encontro com nosso corpo, se torna singular à medida que pode produzir em nós coisas antes não experimentadas. Ela comporta a potência de fazer diferir nossos modos de estar no mundo, através da criação e do rompimento com as prescrições que hoje enquadram nossas vidas a modelos com fronteiras tão bem demarcadas.

Nutrir e dar vazão, de maneira mais efetiva, à pulsão de vida que resiste na periferia seria uma boa forma de conduzi-la ao crescimento pessoal, conseqüentemente social, e possivelmente sócio-econômico. Deve-se aproveitar que “Ter uma maneira de expressar, representar ou manifestar ideias, sentimentos e demais conteúdos subjetivos é um verdadeiro privilégio da nossa espécie.” (CONTENT, 2022). Pois este privilégio do humano pode servir de veículo para o crescimento pessoal e social. A vitalidade intrínseca é o ponto de partida para o crescimento, pois “a pulsão de vida é aquela pulsão que nos convida e nos motiva a sobreviver. **Um impulso dinâmico de autopreservação** que está na base de muitos dos comportamentos que realizamos.” (ARBELÁEZ, 2023).

Questões econômicas são fatores que repercutem fortemente na distinção e submissão social da periferia, isso é fato. Sendo assim, cabe-se vislumbrar a resolução dessa fragilidade econômica, e para isso “O empoderamento dos pobres torna-se indispensável para remover estes obstáculos sociais e dar uma perspectiva mais adequada sobre as causas da pobreza” (GUERRA e EMERIQUE, 2017, p.31). É tomando consciência de si e do lugar que tem sido colocado, que o sujeito poderá traçar estratégias de se impulsionar em direções desejadas.

A pobreza tem sido uma característica forçada às camadas marginalizadas, e, vale lembrar que geralmente considera-se a periferia historicamente como uma segregação pobre e negra. Nesse meio, onde há esse estereótipo estabelecido, há manifestações artísticas, porém, em grande parte das vezes elas não conseguem gerar transformações significativas dos paradigmas que pesam sobre essas comunidades. Ainda falta a exploração de uma consciência identitária grupal, que por sua vez vem do sentido de pertencimento, logo, identidade. Como se vê:

É muito forte a presença negra nas áreas do esporte e da música popular, mas, nesses dois casos, aquele que revela melhores qualidades consegue prestígio social e derruba as barreiras do preconceito; daí porém só resultam benefícios de caráter pessoal,

sem influir para melhorar a situação dos negros na sociedade brasileira.(DALLARI, p.32)

Parece haver um consenso de que o pobre está fadado a obter destaque apenas quando obtém o estereótipo de vítima digna de compaixão e reconhecimento, para satisfazer, ilusoriamente, a necessidade de entretenimento que ilusiona uma justiça social. No entanto, na realidade, o que há muitas vezes são exemplos isolados, que tomam grande proporção midiática, mas não efetivamente social. Assim o pobre, de modo geral, permanece em sua condição subliminarmente imposta pela cultura capitalista e burguesa.

Admitindo a influência dos direcionamentos do mercado, que estabelece um submisso lugar fixo para o pobre e sabendo que “‘o povo’ geralmente desempenha um papel bem pequeno e apenas indireto no processo de políticas públicas” (WU *et al.* 2014, p.32), nota-se que existe a necessidade de travar uma luta contra esta lógica estabelecida. Então resta para a periferia explorar, por meio do autoconhecimento e da arte, o arcabouço subjetivo que resiste. Pois “Trabalhar com arte segundo essa dimensão de imaterialidade faria engrenar a potência de diferir, no campo desta lógica de mercado de que somos reféns dos domínios do controle.” (LACAZ, LIMA e HECKERT, 2015, p. 65).

É preciso um empoderamento mais efetivo e real, na cultura e identidade periférica coletiva. para isso pode-se propor explorar o que pode haver de mais íntimo e vital nessa população, poderá haver um empoderamento eficaz se este advir de um cerne igualmente potente e genuíno, ou seja, de uma pulsão e identidade real. Pois “para além da falta de recursos econômicos, a falta de recursos relacionais e afetivos deveria ser mais considerada ao analisar o fenômeno da pobreza extrema” (GUERRA e EMERIQUE, 2017, p.29).

2.2 Tipos de arte

Muitas vezes pode passar despercebida, mas certamente muita arte está presente no cotidiano de todos nós, já que existem diversos tipos e formas de arte. É a arte que ajuda a esclarecer os sentidos e as ideias, ou melhor, a subjetividade das sociedades. A importância da arte na sociedade é indiscutível pois:

A escrita, a dança, a música, a pintura: tudo isso é importante não só para o desenvolvimento individual como também para o crescimento coletivo. Afinal, a arte também é um elemento cultural

e que representa bastante um grupo, um período histórico ou uma região. (CONTENT, 2022)

Existem, portanto, diversas formas de manifestações artísticas, que, vale lembrar, por vezes podem ser usadas combinadas ou isoladamente. Laura Aidar (2023) conta que em 1911, Ricciotto Canudo, um crítico de cinema, classificou a arte em sete tipos: música, dança, pintura, escultura, teatro, literatura e cinema. Com o passar do tempo, a evolução tecnológica e as mudanças sociais, incluiu-se também nessa categorização a fotografia, as histórias em quadrinhos (HQ), os jogos eletrônicos e a arte digital.

Laura Aidar (2023), define os atuais 11 tipos de arte da seguinte maneira:

1ª arte - Música

Pode-se dizer que a linguagem musical é formada por diversos sons que se apresentam em espaços de tempo pré-determinados, formando assim - ritmo, harmonia e melodia.[...]

2ª arte - Dança

A dança é a arte do movimento corporal. Usando o corpo como instrumento, as pessoas podem exteriorizar seus sentimentos fazendo gestos cadenciados por um ritmo.[...]

3ª arte - Pintura

Podemos definir a pintura como a técnica de depositar pigmentos coloridos - que podem ser pastosos, líquidos ou em pó - sobre uma superfície, gerando imagens figurativas ou abstratas.[...]

4ª arte - Escultura

Compreende-se escultura como a arte de modelar ou desgastar matérias brutas (como a argila, mármore, madeira e pedra) e convertê-las em objetos com significados, expressando ideias e sentimentos.[...]

5ª arte - Teatro

O teatro é a linguagem artística em que as pessoas, no caso os atores e atrizes, representam uma história para um público.[...]

6ª arte - Literatura

Na literatura, a escrita é a ferramenta utilizada para se expressar.[...]

7ª arte - Cinema

O cinema é um tipo de arte que surgiu após a invenção da fotografia, como desdobramento dela. Utilizando várias imagens -

fotografias - que são projetadas muito rapidamente em uma tela, o olho humano enxerga essa sequência de fotos como um filme, ou seja, com movimento.[...]

8ª arte - Fotografia

É uma arte que se utiliza de máquinas para captar imagens por meio de reações obtidas através da iluminação.[...]

9ª arte - História em quadrinhos

A história em quadrinhos, ou HQ, é definida por uma sequência de desenhos feitos em quadros que juntos contam uma história.[...]

10ª arte - Jogos eletrônicos (games)

Os jogos eletrônicos - ou games - são programas nos quais as pessoas interagem com objetos virtualmente, tendo que ultrapassar desafios, cumprindo metas e se divertindo.[...]

11ª arte - Arte digital

Toda a forma realizada por meio de computadores pode ser chamada de arte digital.

2.3 Arterapia

É notável que a arte exerce uma função importante para o desenvolvimento pessoal e comunitário nas sociedades, assim pode-se falar, com convicção, que ela pode desempenhar uma função terapêutica. Sendo assim, existe a Arteterapia, cuja Martins (2012, p.16) explica que “é definida pela Sociedade Portuguesa de Arte-Terapia (SPAT) como um método de tratamento terapêutico para o desenvolvimento pessoal, que faz uso e integra diferentes mediadores artísticos.”. Podendo ser esses mediadores artísticos os variados tipos de arte, “abrangendo hoje as mais diversas linguagens: plástica, sonora, literária, dramática e corporal, a partir de técnicas expressivas como desenho, pintura, modelagem, música, poesia, dramatização e dança.” (REIS, 2014, p.143).

De uma maneira mais objetiva Martins (2012, p.18) fala que a Associação Americana de Arte-Terapia (AATA) explica a Arteterapia como “uma profissão da área de saúde mental que utiliza o processo criativo em arte para melhorar e aprimorar o físico, mental e emocional bem-estar dos indivíduos de todas as idades.”. Entende-se então que a arteterapia, considerada também como um método profissional, pode ter um papel restaurador, uma espécie de cura,

no tratamento da saúde mental e integridade dos indivíduos. Assim, ela pode ser conveniente em casos em que se precisa restaurar identidades lesadas ou fragilizadas.

Como é de praxe, os processos terapêuticos de modo geral, trabalham a partir da subjetividade, compreendendo comportamentos, idealizações, sentimentos... Desse modo a arteterapia se mostra como um veículo efetivo na função terapêutica, pois “Através das artes, da música, do movimento corporal ou do jogo lúdico, pode-se transmitir profundos sentimentos, sem palavras, sendo nesse momento a principal forma de comunicação em terapia.” (MARTINS, 2012, p. 16). O fato de, em algumas ocasiões este processo terapêutico não utilizar necessariamente a expressividade via palavras, ele é, então, rico por poder acessar elementos subjetivos complexos que muitas vezes não são facilmente traduzidos por expressões verbais.

O trabalho terapêutico que se utiliza da arte, tem como principal diferencial tornar a subjetividade, de certa forma, palpável aos sentidos por meio da manifestação artística concretizada. Portanto, a subjetividade pode ser vista e trabalhada de modo que “a arteterapia é perpassada por uma concepção estética do humano, visto como um ser criativo, capaz de se transformar em **artista da própria vida**” (REIS, 2014, p. 143, grifo meu). Nota-se assim a adequação que a arte tem às necessidades de reparação, transformação ou reconstrução, sobretudo para indivíduos ou comunidades fragilizadas e lesadas, pois estas carecem sobretudo da criação de novas perspectivas.

Por meio do processo criativo, sendo este um mecanismo de acessar conteúdos subjetivos, “facilitamos o contato do sujeito com suas questões por um viés criativo, e não apenas dando forma a determinado conteúdo subjetivo, mas também podendo reconfigurá-lo em novos sentidos.” (ibid, p.144), está posta então a grande função da arte para as camadas sociais que têm seus modos de vida e identidades oprimidas no que lhes podem conferir-lhes empoderamento. A arte seria um meio do sujeito se transformar e conseqüentemente transformar sua realidade, de modo que se tem “a atividade criadora como um instrumento e a arte como um caminho de transformação subjetiva.” (REIS, 2014, p.144).

Para a resiliência, ou seja, o empoderamento do sujeito inferiorizado, é cabível nutrir e dar vazão a seus instintos pulsionais de criação. Afinal, em se tratando de valorizar a identidade de forma genuína como impulso para o empoderamento, a produção artística é um caminho adequado, já que “A arte para Freud é um canal privilegiado para o direcionamento de

necessidades pulsionais demasiado intensas.” (MARTINS, 2012, p.22), que muitas vezes por outras vias tem sua capacidade de emergir dificultadas.

Carvalho (2005, *apud* MARTINS, 2012) expõe que existem vários tipos de arteterapia, sendo o Modelo Polimórfico o mais importante. O Modelo Polimórfico de arteterapia, por sua vez, se divide em *Arte-terapia e Arte-psicoterapia*, estes então se esmiúçam em *Arte-Terapia Vivencial, Arte-Terapia Temática, Arte-Psicoterapia Integrativa e Arte-Psicoterapia Analítica-Expressiva*.

A arteterapia, que hoje não é mais tida como técnica exclusiva de consultórios, pode ser usada em diversos ambientes, inclusive pode ter destaque, atualmente, na Psicologia social.

As intervenções são realizadas em grupo ou individualmente, em *setting* privado, ou em instituições diversas, como escolas, hospitais, casas de acolhimento, lares, centros de dia, etc. Praticamente não há contraindicações e, por isso, a intervenção deve ser planejada de maneira a atender especificamente às necessidades da população em questão (MARTINS, 2014, p.19)

As intervenções por meio da arte podem acolher e transformar demandas diversas, desde angústias variadas até danos mentais resultantes de situações de violação de direitos ela pode trabalhar “desde traumas e conflitos emocionais, aspectos das relações interpessoais em um grupo, expectativas profissionais, gênero e sexualidade, **identidade pessoal e coletiva**, entre outros, podem ser abordados pelo psicólogo através da arte. (REIS, 2014, p.144, grifo meu).

2.4 Grupo Operativo

Uma técnica que pode ser utilizada pela psicologia é conhecida como Grupo Operativo, que consiste em “um trabalho com grupos, cujo objetivo é promover um processo de aprendizagem para os sujeitos envolvidos.” (BASTOS, 2010, p.161). O criador da técnica dos Grupos Operativos foi o psiquiatra suíço Enrique J. Pichon-Rivière. Nesta técnica:

o grupo apresenta-se como instrumento de transformação da realidade, e seus integrantes passam a estabelecer relações grupais que vão se constituindo, na medida em que começam a partilhar objetivos comuns, a ter uma participação criativa e crítica e a poder perceber como interagem e se vinculam.(BASTOS, 2010, p.164)

O ponto de partida utilizado por Pichon-Rivière para a elaboração de sua conhecida técnica foi o conceito de dialética, que “seria aquilo que faz possível todo discurso, embora

permaneça em si mesma o não dito, algo de refratário a qualquer empenho de explicitação" (Bornheim, 1977, p. 7 apud PEREIRA, 2013). Logo, pode-se entender que se trata de um processo que, nas relações grupais, abarca elementos que o discurso por si só não consegue contemplar. Por isso, "os encontros não têm, necessariamente, um direcionamento para temas específicos. As pessoas falam livremente, estabelecem interações umas com as outras e partilham experiências comuns." (BASTOS, 2010, p. 167)

Os Grupos Operativos acabam por gerar reflexões acerca da amplitude que forma o humano, de modo que "a dialética compreende o Homem na natureza e como ser histórico, como ser social pensante, ético e **agente**. Considera suas condições concretas de existência como ser social, político e cultural." (Haguette, 1990 apud PEREIRA, 2013, grifo meu).

O sentido de grupo proposto por Pichon-Rivière "propõe um modo de compreender a estrutura e o funcionamento dos grupos, como também modos de intervenção objetivando instrumentalizá-los para a aprendizagem e para a **transformação**." (PEREIRA, 2013, grifo meu). Nesse sentido percebe-se que o intuito primordial do Grupo Operativo é gerar evolução e autonomia por meio da aprendizagem que a relação grupal acolhida pode trazer.

A lógica do trabalho em Grupo é utilizar das relações e interações entre as pessoas participantes, para fazer surgir uma sensação grupal que é elemento comum a todos para além da soma de cada indivíduo, de uma maneira que o elemento grupo acaba por acarretar mudança e evolução também em cada indivíduo, pois "Na vivência com os outros nós nos constituímos por meio de uma história vincular que vai se tecendo nessa relação." (BASTOS, 2010, p.164). Dessa forma se torna evidente a concepção do humano enquanto ser social e sua importância nesse papel.

Para Henri Wallon, (1968 apud Bastos, 2010, p.161) "as interações são fundamentais tanto para a construção do sujeito como do conhecimento, e ocorrem ao longo do desenvolvimento de acordo com as condições orgânicas, motoras, afetivas, intelectuais e socioculturais." O sujeito então é constituído de acordo com sua originalidade, não há imposições e não há pré-conceitos, o que acontece, então é um caminhar à mudança em direção àquilo que os impulsos intrínsecos dos sujeitos os podem levar.

Os papéis, de certa forma pré-estabelecidos e fixos, são basicamente dos profissionais que poderão mediar o Grupo Operativo, são o coordenador e o observador, "enquanto outros

emergem no decorrer do processo, articulando-se com as necessidades e com as expectativas tanto individuais quanto grupais, podendo alternar-se.” (BASTOS, 2010, p. 167).

Na prática, geralmente os grupos operativos são propostos, para que os integrantes se organizem em prol da resolução de uma tarefa pré-definida, e a partir daí, além da tarefa propriamente dita, o aprendizado acarretado pelos movimentos das relações se torna o fator de mais valia no processo. Assim, a partir do desejo de uma investigação ativa é cabível a utilização da técnica criada por Pichon-Rivière, “podendo ter diversos objetivos, como o estudo do processo grupal, das transformações ocorridas nos vínculos do grupo ou na construção do conhecimento do grupo sobre determinado tema.” (PEREIRA, 2013).

Considera-se, sobretudo, que a importância do trabalho em Grupos Operativos consiste no fato de que atividades que possam ser feitas a partir de um grupo trabalhado desta forma ocorrerão de uma maneira em que as manifestações ou produtos que possam surgir tenham aspecto preferencialmente genuíno do grupo.

3. O porquê da arte para as pessoas vulneráveis

Costumeiramente ainda vemos que as comunidades, ou mesmo a sociedade de modo geral, estigmatizam as pessoas periféricas, e estigmatizam ainda mais estas quando são vítimas de violências.

Muitas vezes a população vulnerável é alvo de políticas e tratamentos assistencialistas que acabam por colocar essas pessoas em situação de vitimismo, como se fossem apenas pessoas carentes que necessitam de direitos, mas sem entender que elas devem também ser agentes nesses direitos. Essa realidade em que vemos “mostra uma primeira face: os direitos do sujeito. Porém, cabe colocar a questão: qual é o sujeito de direitos?” (RIFIOTIS, p.238)

É preciso dar/devolver a essas “criaturas”, carentes e vitimadas, o direito de serem humanos, ou melhor, o direito de serem pessoas com identidade própria, e possibilitar-lhes meios de se verem e se conhecerem para elaborar em si um sentido para sua vida diante e apesar do que possam ter sofrido de violências. Assim, essas, finalmente, pessoas empoderadas poderão se mostrar para si e para a sociedade como pessoas, não mais apenas como vítimas.

Uma maneira efetiva de, literalmente, a pessoa se ver e/ou se ouvir é por meio da produção da arte. É quando a pessoa coloca-se no papel/tela e se olha, ou então quando ela pode produzir um som e se ouvir em seguida. E para isto é possível utilizar mecanismos da arte terapia para auxiliar no desenvolvimento desses grupos sociais muitas vezes marginalizados e invisibilizados na sociedade, pois:

Os materiais e técnicas da Arteterapia são “*instrumentos Alquímicos*” que facilitam o processo criativo transformador do mundo interno e externo harmoniosamente unido, conduzindo a uma ampliação da consciência, abrindo novas possibilidades de criação e realizações de ideais. (BATISTA, 2003).

4. OBJETIVOS

O trabalho se dará com ênfase na importância das produções artísticas enquanto material que possibilita o empoderamento das comunidades, já que:

A cultura periférica é uma das coisas mais relevantes que têm sido produzidas pelo menos nos últimos 20 anos”, tanto na música quanto na dança ou literatura, afirma Oliveira. Para ele, a academia demorou para se abrir a essa produção, mas “a quantidade de questões, tanto estéticas quanto políticas, que a periferia tenta apresentar ao universo acadêmico é fundamental. (ARAGAKI, 2022).

Com atenção aos mecanismos que envolvem o surgimento de manifestações artísticas periféricas, e utilizando de técnicas de Arteterapia, de modo geral, o trabalho se propõe a:

Resgatar e/ou elaborar, por meio de manifestação artística, a identidade de indivíduos em vulnerabilidade vítimas de violências. Ressaltando que não é pretendido neste trabalho delimitar uma especificidade de violência, pretende-se evitar que o foco da produção incorra na exposição da violência. almeja-se que o foco se volte para a ênfase nas pessoas e suas produções. Para isso propõe-se realizar este projeto interventivo em grupo composto por usuários do CREAS- Centro de Referência Especializado de Assistência Social do município de Lagoa do Ouro.

Pretende-se desenvolver a pesquisa guiada pelos seguintes objetivos específicos:

- Por meio de Arteterapia em grupo, superar sofrimentos e danos gerados pelas situações de violência/vulnerabilidade.
- Possibilitar o surgimento de grupos e vínculos comunitários que tenham a função de rede de apoio mútuo entre pessoas em vulnerabilidade e vitimadas, acompanhadas pelo CREAS Lagoa do Ouro.
- Proporcionar o empoderamento do público estudado, de modo que este tenha condições mentais e estruturais de tomar decisões e iniciativas acerca da própria vida.

5. METODOLOGIA

Para realizar o estudo interventivo com o grupo público do CREAS utilizou-se, inicialmente, de pesquisa bibliográfica acerca das temáticas, Marginalização, Arteterapia e Grupos operativos. Em seguida o trabalho, de modo geral, deverá se configurar em uma abordagem qualitativa, pois, por meio dela, é possível se obter “informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações” (DESLAURIERS, 1991, p.58 apud GERHARDT e SILVEIRA. 2009, p.32).

O público será melhor delimitado quando, no momento de início do processo interventivo, se analisar quantitativamente e qualitativamente o público disponível, porém no momento atual está prevista aplicação da intervenção em um grupo de pré-adolescentes e adolescentes. Após esse momento de escolha do número de participantes o trabalho será basicamente guiado por métodos qualitativos.

O trabalho pode ser realizado tendo como facilitador principal, preferencialmente um profissional de Psicologia e artista plástico, de modo que este terá a função de realizar as interpretações e intervenções sobre o grupo. E isto reforça ainda mais a necessidade de metodologia qualitativa, pois “Os métodos qualitativos são aqueles nos quais é importante a interpretação por parte do pesquisador com suas opiniões sobre o fenômeno em estudo.” (PEREIRA et al. 2018, p.67).

Devido o processo de produção artística geralmente ocorrer com base no trabalho guiado pela subjetividade, caberá ser guiado com as seguintes características de pesquisa, ainda de acordo com Pereira et al. (2018, p. 67):

- 1) A pesquisa qualitativa, em geral, ocorre no ambiente natural com coleta direta de dados e o pesquisador é o principal instrumento;
- 2) Os dados coletados são preferencialmente descritivos;
- 3) A preocupação do processo é predominante em relação à do produto;
- 4) O “significado” que as pessoas dão as coisas e a sua vida são focos de atenção para o pesquisador e,
- 5) A análise de dados e informações tende a seguir um processo indutivo.

Na prática o trabalho será impulsionado a partir da criação de grupos operativos, embasados na teoria de Pichon-Rivière, pois:

Na concepção de Pichon-Rivière, o grupo apresenta-se como instrumento de transformação da realidade, e seus integrantes passam a estabelecer relações grupais que vão se constituindo, na medida em que começam a partilhar objetivos comuns, a ter uma participação criativa e crítica e a poder perceber como interação e se vinculam. (BASTOS, 2022).

A pesquisa certamente se caracteriza como uma **Pesquisa Ação**, de modo que o objetivo é fazer com que a interação e a conversa em grupos, durante os encontros, vá mostrando qual especificidade dos métodos de arteterapia será mais cabível, bem como qual material artístico será produzido ao final dos encontros.

Se após os primeiros encontros, for observado no grupo uma predisposição para as artes visuais, será buscado auxílio técnico e os materiais necessários para a finalidade delimitada pelo grupo, por exemplo, a produção de uma futura exposição de pinturas, ou produção de vídeos para redes sociais. Se for identificado predisposição para música, poderá ser buscado auxílio de técnicos em produção musical, para produzir e gravar algo. Ou seja, será após a análise das possibilidades de criação artística manifestadas no grupo que serão buscados conhecimentos e suportes técnicos para concretizar as produções artísticas, por exemplo pinturas, esculturas, composições e gravações musicais, teatros, vídeos, etc.

6. CRONOGRAMA PREVISTO

| ETAPAS | DEZ | JAN | FEV | MAR | ABRIL | MAIO | JUN | JUL |
|---|-----|-----|-----|-----|-------|------|-----|-----|
| Levantamento bibliográfico para embasamento teórico | x | x | x | | | | | |

| | | | | | | | | |
|--|--|--|---|---|---|---|---|---|
| Delimitação de usuários do CREAS disponíveis para os grupos. | | | x | | | | | |
| Convite aos usuários para participar dos grupos operativos. | | | x | x | | | | |
| Grupos Operativos | | | | | x | x | x | |
| Delimitação dos tipos de artes possíveis de serem produzidas. | | | | | | x | x | |
| Busca de auxílio técnico para a produção artística delimitadas previamente nos grupos. | | | | | | | x | |
| Produção do material artístico | | | | | | | x | x |

7. RESULTADOS ESPERADOS

Ao final do processo espera-se basicamente a exposição da subjetividade dos grupos anteriormente tidos como marginalizados, para que a comunidade de modo geral possa visualizar, literalmente, essas pessoas até então colocadas à margem da sociedade, e muitas vezes estigmatizadas simplesmente pelo fato de terem em algum(uns) momento(s) de suas vidas sido vítimas de violências.

Da exposição, almeja-se um movimento de contemplação respeitosa tanto por parte do próprio grupo exposto quanto por parte da comunidade expectadora. Por fim, de tal contemplação espera-se um sentido de autoconhecimento e autoafirmação que, por sua vez, podem proporcionar empoderamento contínuo no modo de existir e se colocar em meio à sociedade.

Espera-se também que a descoberta de talentos e potencialidades possa progredir para se converterem em futuras fontes de renda ou, ao menos, fontes de lazer.

8. AVALIAÇÃO DOS RESULTADOS

A observação dos benefícios do trabalho realizado poderá ser feita pela superação ou não da situação de vulnerabilidade/violência em que o usuário se encontrava anteriormente. Além disso, poderá ser levada em consideração a evolução na melhora de sintomas ansiosos e/ou depressivos comuns nas pessoas e famílias, público do CREAS.

A melhora na qualidade econômica de vida poderá ser vista então, a partir da geração de renda que as produções artísticas possam ocasionar diretamente, ou como a melhora na autoconfiança das pessoas, anteriormente fragilizadas, pode motivá-las a buscarem crescimento educacional e profissional.

9. REFERÊNCIAS

- ARAGAKI, Carolina. **Cultura periférica é uma das mais relevantes nos últimos 20 anos:** Produção de dança e música das periferias é marco cultural, mas está inserida no contexto de injustiça social. Disponível em <[Cultura periférica é uma das mais relevantes nos últimos 20 anos – Jornal da USP](#)> Acesso em 11 de abril de 2022.
- ARBELÁEZ, María Alejandra Castro. **Pulsão de vida ou eros:** o que é?. A mente é maravilhosa. Disponível em <[Pulsão de vida ou eros: o que é? - A Mente é Maravilhosa \(amenteemaravilhosa.com.br\)](#)> Acesso em 16 abril 2023.
- AIDAR, Laura. **Tipos de Arte.** Toda matéria. Disponível em :<[11 tipos de arte: significados e características - Toda Matéria \(todamateria.com.br\)](#)> Acesso em 08 de abril 2023.
- Baptista, Ana Luíza. **A Expressão Corporal na Prática da Arteterapia.** Revista Imagens da Transformação, Vol. 10, RJ. Pomar Ed., 2003.
- BASTOS, Alice Beatriz B. **A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon.** Psicólogo in Formação ano 14, n, 14 jan./dez. 2010.
- CONTENT, Rock. **Tipos de arte:** quais são, profissões e como trabalhar com arte. Talent network. 2022. disponível em: <[Tipos de arte: quais são, profissões e como trabalhar com arte \(rockcontent.com\)](#)>. Acesso em 18 abril 2023.
- DALLARI, Dalmo de Abreu Dallari. **O Brasil rumo à sociedade justa.** Educação em direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos. p. 29-49.
- GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Editora UFGRS. 1ª Edição, 2009.
- GUERRA, Sidney; EMERIQUE, Lilian Balmant. **Direitos humanos e políticas públicas de combate à pobreza no contexto da globalização.** Cadernos de Direito Actual, nº7, Extraordinario. 2017. p. 25-42.
- Lacaz, A. S., Lima, S. M., & Heckert, A. L. C. (2015). **Juventudes periféricas: arte e resistências no contemporâneo.**

MARTINS, Daniela de Carvalho e Souza. **ARTE-TERAPIA E AS POTENCIALIDADES SIMBÓLICAS E CRIATIVAS DOS MEDIADORES ARTÍSTICOS**. Mestrado em Educação Artística. Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas Artes. 2012.

MEDEIROS, Jefferson. **ARTE PERIFÉRICA COMO DISCURSO DECOLONIAL**. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, BRASIL. Linha 2: Poéticas visuais e processos de criação.

OLIVEIRA, Bruno José Cruz. **Políticas sociais, neoliberalismo e direitos humanos no Brasil**. Revista de Educação Educere Et Educare. Vol. 5 nº9. 2010. p.175-183.

ORTEGA, Rodrigo. **'Baile de favela': entenda história do funk de MC João que embalou a prata de Rebeca Andrade**. G1. 2021. Disponível em: <['Baile de favela': entenda história do funk de MC João que embalou a prata de Rebeca Andrade | Música | G1 \(globo.com\)](#)>. Acesso em 16 abril 2023.

PEREIRA, Adriana Soares. **Metodologia da Pesquisa Científica**. 1ª Edição. UAB/NTE/UFSM. Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria- RS, 2018.

PEREIRA, Thaís Thomé Seni Oliveira. **Pichon-Rivière, a dialética e os grupos operativos: implicações para pesquisa e intervenção**. Universidade de São Paulo. **Rev. SPAGESP vol.14 no.1 Ribeirão Preto, 2013**.

REIS, Alice Casanova dos. **Arteterapia: a Arte como Instrumento no Trabalho do Psicólogo**. CESUSC (Complexo de Ensino Superior de Santa Catarina). **PSICOLOGIA: CIÊNCIA E PROFISSÃO**, 2014, 34 (1), 142-157.

RESISTÊNCIA In DICIO, Dicionário online de português. Disponível em: <[Resistência - Dicio, Dicionário Online de Português](#)>. Acesso em: 16 abril 2023.

RIFIOTIS, Theophilos. **Direitos Humanos: Sujeito de direitos e direitos do sujeito**. Educação em direitos Humanos: fundamentos teórico-metodológicos. p. 231-243.

WU, Xun; RAMESSH, M.; HOWLETT, Michael e FRITZEN, Scott. **Guia de políticas públicas: gerenciando processos**. Enap. Brasília, 2014.